

A PERFORMANCE NAS REDES SOCIAIS: ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE

ANNE STONE¹; JOICE RIBEIRO²; RAFAELA VILLAR³
CAMILA PEIXOTO FARIAS⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – stoneanne@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – joice.rocha.ribeiro@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - rafaelasvillar@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - pfcamila@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos estão intimamente relacionados às mudanças nos espaços de troca, especialmente quando consideramos a virtualização das relações. Logo, podemos pensar que a virtualização se tornou um dos cenários que atravessa atualmente a adolescência ocidental. E essa virtualização ocorre, muitas vezes, através das redes sociais. A psicanálise parece fornecer elementos para refletir, então, sobre a adolescência articulada às mudanças apresentadas pelo contexto contemporâneo.

A adolescência pode ser pensada como um momento de fragilidade psíquica diante dos lutos que podem marcar essa fase: a perda do corpo infantil (e aquisição da genitalidade) e a perda dos pais da infância, por exemplo. Esse movimento desperta uma nova força pulsional até então não vivenciada, o que pode exigir um maior trabalho psíquico por parte do adolescente. Os encaminhamentos representacionais, então, possibilitam a passagem para um processo de reapropriação subjetiva diante dessas mudanças, conforme apontado por SAVIETTO (2006).

EHRENBERG (2016) fala sobre a ideia de *performance* na contemporaneidade, em que os sujeitos reafirmam sua existência através de uma cultura imagética em ascensão. É possível refletir que a ideia de performance imagética também está presente nas redes sociais, que é um meio muito difundido para as relações na adolescência. Entretanto, a produção dessa imagem parece estar muitas vezes desvinculada da exploração das narrativas e da linguagem, que são possibilidades de encaminhamento pulsional, tão importantes na adolescência. Como podemos pensar a exposição performática da adolescência nas redes sociais?

2. METODOLOGIA

Discussão teórica a partir do referencial psicanalítico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pensar a contemporaneidade, Birman (2014) traz a ideia do corpo como o único bem na sociedade contemporânea: o sujeito, desvinculado de sua história e narrativas, terá apenas o corpo como um bem supremo, e que, logo, deve ser preservado. A busca pelo corpo ideal (que ganha o status de imagem ideal) pode, muitas vezes, desrespeitar os limites corpóreos aos quais estamos naturalmente submetidos, como a fadiga e o *envelhecimento*, por exemplo, indicando um certo assujeitamento.



Podemos pensar que a performance assujeitada, baseada nos ideais sociais de juventude, poderá, nas redes sociais, finalmente ser editada, montada, transformada e exposta segundo aquilo que se deseja mostrar aos outros, segundo uma imagem de *sucesso de si* (EHRENBERG, 2016). Dessa forma, a troca com o outro, que já se mostra frágil na atualidade, muitas vezes é veiculada através das redes sociais com uma série de “barreiras” ou “filtros” que possibilitam aos sujeitos o controle daquilo que é exposto, que é trocado. Podemos pensar que esse movimento fragiliza as relações de *troca com o outro*.

Podemos refletir que se é a construção da imagem que passa a possuir maior relevância na sociedade contemporânea, não somente o olhar do outro assume considerável importância, mas especialmente o *olhar de aprovação e admiração do outro*. Assim, olhar e julgamento do outro passam a possuir uma função com grande potencial tanto de reasseguramento narcísico, quanto de fragilização narcísica. Dessa forma, essa exposição ao olhar do outro pode se tornar violenta e invasiva justamente quando não há uma consolidação da imagem de si, ainda que sirva como uma tentativa de manter o equilíbrio psíquico.

Birman (2008), ao pensar a exibição corporal dos jovens na atualidade, pontua que por trás da exibição performática dos corpos, estaria algo da ordem do reconhecimento. Ou seja, a partir da experiência do *reconhecimento pelo outro* seria possível experienciar a certeza de ser e de existir (BIRMAN, 2008). Ainda conforme Birman (2008) indica, essa interpretação quanto a uma tentativa de reconhecimento leva a refletir sobre uma fragilidade nos processos simbólicos.

Podemos pensar que a exibição da performance corpórea, tão presente nas redes sociais (que é um dos palcos da performance e da presença do olhar do outro) pode funcionar como uma tentativa de reasseguramento narcísico (BIRMAN, 2008). Assim, temos alguns subsídios para refletirmos sobre as possíveis fragilidades do sujeito contemporâneo, bem como sobre as manifestações dessa fragilidade na adolescência.

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, torna-se relevante não somente pensarmos nas redes sociais em si, mas principalmente na forma com que os sujeitos contemporâneos, e, logo, a adolescência, se relaciona *com e a partir* das redes sociais. A partir disso, pensa-se a importância da criação de espaços que promovam a troca com o outro, que proporcionem a produção de narrativas, e, consequentemente, uma maior elaboração psíquica dos possíveis conflitos da adolescência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In: CARDOSO, M. R.; MARTY, F. **Destinos da Adolescência**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. Cap. 6, p. 81 – p. 103.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.



EHRENBERG, A. **O Culto da Performance:** da aventura empreendedora à depressão nervosa. Tradução de Pedro Bendassolli. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

SAVIETTO, B. B.; CARDOSO, M. R. **Adolescência: ato e atualidade.** Fortaleza: Mal-estar e subjetividade, 2006, v. VI.